

DESGASTE E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Jamily Kaliny Azevedo Lima¹
Ana Paula Amaral de Brito²

Resumo

O desgaste psíquico dos discentes no curso de medicina ocorre pela exposição a diversos fatores de risco: acadêmicos, sociais e individuais. Este trabalho teve como objetivo fazer uma revisão da literatura sobre a prevalência de desgaste psíquico em estudantes de medicina e os fatores de risco. Foi realizado levantamento bibliográfico em um recorte temporal de 10 anos em: PubMed, SciELO, Lilacs, Cogitare Enfermagem, IJCS, Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, Encontro: Revista de Psicologia e Revista de Estudos e REIPE onde foram elegidos um total de 40 artigos. Concluiu-se que, a alta prevalência no grupo tem associação com gênero feminino, ano cursado, morar fora e uso de drogas.

Palavras-chave: Desgaste psíquico; Estudantes de medicina; Educação Médica.

Abstract

The psychic wear of the students in the medical course occurs by exposure to several risk factors: academic, social and individual. This study aimed to review the literature on the prevalence of psychiatric attrition in medical students and risk factors. It was carried out a bibliographical survey in a 10-year time frame in: PubMed, SciELO, Lilacs, Cogitare Enfermagem, IJCS, Sorocaba Faculty of Medical Sciences, Meeting: Revista de Psicologia and Revista de Estudos and REIPE where a total of 40 articles. It was concluded that, the high prevalence in the group is associated with female gender, year of study, housing and drug use.

Keywords: Psychic wear; Medical students; Medical Education.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de a sobrecarga universitária ser um campo favorável ao desgaste e ao sofrimento psíquico, poucas são as instituições de ensino superior que contemplam o cuidado com a saúde mental. Nesse contexto, estudos revelam que cerca de 15 a 25% dos estudantes possuem algum tipo de transtorno mental, principalmente depressão e ansiedade. (CERCHIARI, 2005; VASCONCELOS, 2015)

Infelizmente, o cuidado para com a saúde mental ainda é permeado por preconceitos que impede um debate realista dentro das próprias universidades. Tal empecilho dificulta, assim, a procura dos discentes por ajuda médica (PORCU, 2001) e, por consequência, interfere de forma drástica na sua qualidade de vida pessoal e profissional. Dentro dessa razão, surge a incapacidade de avaliar o paciente no contexto biopsicossocial pela

¹Graduanda do 6º semestre de Medicina pela Universidade Salvador (UNIFACS), bolsista de Iniciação Científica pela UNIFACS. E-mail: milyazevedolima@outlook.com

²Professora da Universidade Salvador (UNIFACS) e Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Mestrado em Fisiologia e Bioquímica – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorado em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia- UFBA/FIOCRUZ-BA. E-mail: ana.brito@unifacs.br

desumanização do médico durante o processo de sua formação. (BENEVIDES-PEREIRA, 2009; MOREIRA, 2015)

A crescente prevalência do adoecimento durante a formação médica, ocorre por diversos motivos: a alta cobrança pessoal, institucional e social, a extenuante carga horária do curso, o contato intenso com pacientes de diversos diagnósticos e prognósticos, além da agressividade de algumas intervenções. (LIMA, 2006; BRUNCH, 2009; ALVES, 2014) Esses dados justificam o aumento dos estudos realizados com esse grupo no intuito de elucidar os fatores de risco tanto sociais quanto individuais que venham a predispor a aquisição de comportamentos não adaptativos, a exemplo de: percepção negativa da realidade, negação dos sentimentos, a ingestão de drogas lícitas e ilícitas- cuja finalidade varia desde melhorar o desempenho acadêmico a aliviar o estresse psicológico-, e conseqüentemente, a transtornos psiquiátricos.

Dessa forma, a abordagem sobre o “sofrimento mental crônico e persistente” (FIOROTTI, 2010) na graduação médica, é crucial para a saúde pública a fim de entender os fatores de risco sob os quais os graduandos estão expostos. Ao trilhar esses caminhos, busque alternativas para a identificação e o tratamento precoce no intuito minimizar as conseqüências graves desses transtornos, como a ideação e tentativa suicida cujos índices são elevados nesse grupo. (ALVES, 2014)

2 METODOLOGIA

Para a revisão bibliográfica foram eleitos 40 artigos em língua portuguesa, inglesa e espanhola, publicados no período de 2000 a 2018, que buscavam associação entre desgaste psíquico e estudantes de Medicina.

As bases de dados usadas para as buscas incluíram: PubMed, SciELO (Scientific Electronic Library OnLine), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Cogitare Enfermagem, além das revistas: Internacional Journal of Cardiovascular Sciences (IJCS), Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, Encontro: Revista de Psicologia e Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación (REIPE). As palavras-chave para a busca foram: “desgaste psíquico”, “estresse”, “transtornos mentais”, “ansiedade”, “depressão” e “estudantes de medicina”.

A partir disso, foram realizados a seleção, o ordenamento e a análise bibliográfica, sendo que os critérios de inclusão empregados foram: a menção das palavras chaves,

publicação nos idiomas português, inglês ou espanhol e possibilidade de acesso aos artigos nas bases de dados pesquisadas. Como critérios de exclusão, trabalhos pesquisados que não fizeram referência as palavras chaves, publicação em outros idiomas que não os estabelecidos e publicação fora do período definido como de interesse.

Durante a pesquisa, foram encontrados um total aproximado de 1000 artigos que, após leitura dos títulos, resumos e texto foram excluídos aqueles que não faziam associação com desgaste mental, fatores de risco e estudantes de medicina ou os repetidos em diferentes bases de dados. Somente 40 foram elegidos pelo fato de abordarem a prevalência do desgaste e/ou fatores para seu desenvolvimento nesse grupo.

O objetivo deste estudo foi avaliar criticamente os dados da literatura referentes à prevalência de transtornos mentais em estudantes de medicina e analisar as características que convergem acerca dos fatores de risco e de enfrentamento ao desgaste psíquico. Nesse contexto, os artigos foram lidos, selecionados criteriosamente e agrupados em categorias: a) prevalência de desgaste psíquico nos estudantes de medicina; b) associação entre sexo, ano do curso, moradia fora, uso de drogas lícitas e ilícitas e modelo de aprendizagem com o desgaste psíquico c) associação do mesmo com mecanismos de adaptação ou não como forma de preservação da saúde mental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Prevalência do desgaste psíquico em estudantes de medicina

Apesar de os temas abordados por cada um dos artigos eleitos apresentarem, muitas vezes, objetos de estudos diferentes para a mesma população, no geral, eles convergem para um ponto em comum, sendo essa relação direta ou não, que é a saúde mental dos estudantes de medicina e sua espantosa prevalência de transtornos mentais ao longo dos anos. Isso pode ser visto no estudo de Lima et al (2006) que, em uma amostra de 455 alunos, foi visto que 44,7% dos estudantes avaliados são classificados como possíveis portadores de transtorno mental comum (TMC). Concordando com tal fato, dos 473 acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe avaliados por Costa (2010), 40% tiveram a suspeita de adoecimento psíquico. Algo semelhante foi visto nas pesquisas de Silva (2012) e de Almeida (2007) ao observarem que 20% e 29,6% da amostra, respectivamente, apresentaram pré-disposição.

Além desses estudos, Silva, em 2014, cuja prevalência encontrada foi de 44,9%, e Santos, em 2017, de 32,2%, também evidenciando essa triste realidade.

Dentre os transtornos, o destaque para sintomas sugestivos de ansiedade e depressão na literatura é algo preocupante, pois evidencia o perfil vulnerável desse grupo perante o estresse da vida acadêmica. Baldassin et al (2006), ao avaliar 603 entrevistados, observou traços de ansiedade alta e média, representando 20,1% e 79,9%, respectivamente. No Peru, Rodas (2009), ao avaliar a frequência de transtorno mental em 88 universitários de uma faculdade privada, evidenciou o predomínio de transtorno de ansiedade generalizada em 27,84% do grupo analisado. Em sua pesquisa com discentes da faculdade de medicina da Unam, Carmona (2017) trouxe que o percentual elevado de ansiedade entre os estudantes traz consequência tanto no âmbito acadêmico, propiciando o abandono, quanto no psíquico, ao aumentar o risco de depressão.

Tabela 1 - Prevalência do desgaste psíquico em estudantes de medicina.

Autores	País	Questionário	Amostra	Prevalência
PORCU et al. (2001)	Brasil	Inventário de Depressão de Beck (IDB)	126	49,2% depressão
FACUNDES et al. (2005)	Brasil	Self Reporting Questionnaire-20 (SRQ-20)	443	34,1% TMC
LIMA et al. (2006)	Brasil	SRQ-20	455	44,7% TMC
BALDASSIN et al. (2006)	Brasil	Inventário de ansiedade Traço de Spielberg (Idate II)	603	20,1% ansiedade alta e 79,9% média.
ALMEIDA et al. (2007)	Brasil	SRQ-20	223	29,6% TMC
BRUCH et al. (2009)	Brasil	IDB e Idate II	230	28,4% depressão e 100% ansiedade

RODA et al. (2009)	Peru	Minientrevista neuropsicológica internacional (MINI)	88	41,8% TMC
ALVI et al. (2010)	Paquistão	IDB e Inventário de Ansiedade de Beck (IAB)	279	47,7% ansiedade; 35,1% depressão.
COSTA et al. (2010)	Brasil	SRQ-20	473	40% TMC
FIOROTTI et al. (2010)	Brasil	SRQ-20	240	43,6% TMC no ciclo básico; 40,3% no clínico.
FOUILLOUX et al. (2013)	México	IDB e subescala de Depressão de SCL 90	774	23% depressão
ROCHA et al. (2013)	Brasil	SRQ-20	384	33,6% TM
ANDRADE et al. (2014)	Brasil	SRQ-20	40 UECE	25,6% depressão UECE
PAULA et al. (2014)	Brasil	IDB	652	28,8% depressão
SILVA et al. (2014)	Brasil	SRQ-20	434	44,9% TMC
BARBOSA et al. (2015)	Brasil	Questionários: Estilo de Vida Fantástico e níveis de estresse	482	22,3% estressados no ciclo básico; 30,7% no clínico.
SERRA et al. (2015)	Brasil	IDB e IAB	657	30% depressão; 21% ansiedade.
SERINOLLI et al. (2015)	Brasil	Questionário da OMS para avaliação da qualidade de vida	405	34,57% ansiedade, pânico ou depressão.
CYBULSKI et al. (2017)	Brasil	IDB e Teste de Morisky-Green-Kevine	199	<50% depressão
SANTOS et al. (2017)	Brasil	SRQ-20	115	32,2% TMC
MOUTINHO et al. (2017)	Brasil	Depression, Anxiety and Stress Scale	743	4,6% depressão; 37,2% ansiedade; 47,1% estresse.

Corroborando com tal perfil vulnerável, Paula (2014), ao verificar a prevalência da sintomatologia depressiva, observou também que 10,34% da população estudada apresentavam ideação suicida. Os estudos de Porcu (2001) e Cybulski (2017), por sua vez, concluíram que 49,2% e menos da metade das respectivas amostras apresentaram tais sintomas. Outra perspectiva dada por alguns estudos sobre esses perfis discute a possibilidade de a sintomatologia ansiosa ser mais frequente que a depressiva, como foi visto no de Cerchiari (2005). Ao avaliar 233 estudantes, Bruch (2009) verificou que 100% da amostra apresentou ansiedade moderada ou alta, enquanto que a prevalência de sintomas depressivos foi de 28,4%. Algo semelhante foi visto na análise de Vasconcelos (2015) cuja pesquisa teve, aproximadamente, a mesma quantidade de alunos analisados e os resultados foram: 19,7% tinham sintomas sugestivos de ansiedade, e 5,6% de depressão. Outros resultados que corroboram com os achados da maior prevalência dos sintomas ansiosos em detrimento dos depressivos foram vistos em Alvi (2010), ao demonstrar que 47,7% dos 279 discentes apresentavam ansiedade, enquanto 35,1%, depressão; e em Tabalipa (2015), ao expor que 35,5% dos 346 possuíam ansiedade e 32,8% depressão.

Associação entre sexo, ano do curso, morar fora, uso de drogas lícitas e ilícitas e modelo de aprendizagem com o desgaste

Na literatura, o sexo feminino tem sido descrito como um fator de maior predisposição ao estresse e a desordens mentais. Isso tem sido associado com os múltiplos papéis exercidos pela mulher na sociedade atrelado as alterações de humor por mudanças hormonais. Baldassin (2006) encontrou associação estatisticamente significativa entre gênero e sintomas ansiosos, havendo um predomínio de mulheres na faixa alta, representando 74,8%. Paula (2014) e Fouilloux (2013) verificaram que as mulheres apresentaram, aproximadamente, 1,83 e 2,8 vezes mais chance de desenvolver depressão quando comparado aos homens, respectivamente.

Considerado como “variável crítica em vários dos anos do programa” por Costa (2017), a constatação da maior susceptibilidade foi exposta no trabalho de Jadoon (2010) ao concluir que as alunas possuíam 2,01 mais chances de desenvolver depressão. Santos (2017), ao expor que 70,3% da prevalência de TMC eram compostas por mulheres, fez a mesma correlação. Vários outros estudos tanto nacionais quanto internacionais perceberam tal associação ao longo dos anos, a exemplo de: Gonçalves (2013), Andrade (2014), González-Olaya (2014), Serra (2015) e Santo (2017).

É importante salientar que esse resultado não foi um achado constante em todas as pesquisas investigadas. Ferreira et al (2016) e Vasconcelos (2015) não obtiveram diferença estatística significativa, apesar deste trabalho ter apresentado elevada proporção nesse gênero. Outros que corroboram com a não significância estatística foram os de: Facundes e Ludermir (2005); Lima (2006); Fiorotti (2010); Silva (2014); Martinez (2016) e Cybulski (2017).

Ademais, é sabido que a alta prevalência do adoecimento ao longo da graduação ocorre pelo sofrimento “crônico e persistente” o qual acomete essa população, conforme Fiorotti (2010). É inegável, dessa forma, que a busca pela correlação do estresse psíquico com as etapas cursadas pelos alunos são pontos-chaves da análise do desgaste mental. Contudo, não há concordância entre todas as literaturas existentes acerca do período de maior fragilidade psíquica, mesmo que o resultado de algumas conflua para o ciclo básico e o clínico como as etapas que mais apresentam números espantosos. Na análise de Fiorotti et al (2010) observou que, enquanto o percentual de transtornos mentais comuns em discentes do curso básico foi de 43,6%, o do clínico e do internato foram: 40,3% e 27%, respectivamente. Andrade (2014), ao expor que 25,6% dos alunos referiram quadro depressivo no primeiro ano e que a maior prevalência de portar doença mental foi associada ao quarto ano com 53,3% na Universidade Estadual do Ceará (UECE), ratificou o predomínio do adoecimento nos ciclos básicos e clínicos.

Corroborando com os resultados, Gonçalves (2013) demonstrou que o 2º ano estava relacionado a baixa qualidade de vida nos estudantes na UFBA. Aragão (2017) evidenciou o pico no terceiro ano em relação aos sintomas depressivos e Baldassin (2006) demonstrou o aumento gradual em 3,3% na frequência de ansiedade alta do primeiro ano para o segundo ano. No México, Saldana (2017) expôs que o primeiro ano foi o mais estressante ao avaliar 262 universitários. Outros, no entanto, relataram maior prevalência no quinto ano, conforme Costa (2017), no sexto como de Cybulski ou não encontraram associação significativa, a exemplo do estudo de Bruch (2009).

A explicação plausível para tamanha fragilidade durante tais ciclos do curso é associada ao contato com fontes geradoras de estresse, nas quais se destacam: excesso de informações, afastamento da parte teórica com a prática, pouco tempo para conciliar o estudo com o lazer (BALDASSIN, 2006; FIOROTTI, 2010), intenso convívio com a doença e, consequentemente, com a morte, agressividade das intervenções; e, por fim, a necessidade de especialização ao final do curso. (PAULA, 2014; COSTA, 2017; BARBOSA, 2015)

A importância do apoio emocional como um mecanismo de adaptação a todos os fatores estressantes que contribuem para o desenvolvimento de comorbidades mentais, especialmente daquela que advém do âmbito familiar, explica o fato da grande maioria dos autores concordarem que estudantes que procedentes de municípios distantes e afastados do convívio familiar apresentavam maior risco de desenvolvê-las, mesmo que durante o estudo não tenha sido encontrado uma associação significativa. Silva et al (2014) visualizou que aqueles que visitavam menos que mensalmente os familiares foram o grupo cuja a prevalência foi acima de 50% transtornos mentais comuns. Outras análises ratificam os mesmos resultados: Lima (2006); Gonçalves (2013); Vasconcelos (2015); Ferreira (2016) e Santos (2017).

Ademais, a fim de aliviar o estresse psicológico e melhorar o desempenho acadêmico, principalmente, grande parte dos estudantes pesquisados nesses trabalhos fizeram uso de drogas lícitas e ilícitas, destacando-se a alta prevalência do álcool cujo o consumo se manteve alta ao longo dos anos, segundo Andrade (2014). O mesmo estudo expôs, também, que cerca de 50% iniciaram o consumo após ingressar a faculdade. Além de ratificar tais achados, Vasconcelos (2015) expôs o percentual de estudantes que fizeram uso de drogas psicoativas lícitas (11,1%) e ilícitas (16,6%), fazendo associação com a ansiedade e com a depressão, respectivamente. Oliveira (2009) trouxe uma abordagem diferenciada ao classificar o consumo mais frequente com os anos cursados, evidenciando a necessidade de um olhar mais cuidadoso com relação ao abuso. De acordo com os resultados de tal trabalho, os inaladores são mais usados nos primeiros anos, enquanto que os anticolinérgicos e o ecstasy são drogas de abuso mais frequentes nos últimos anos do curso. Desse modo, a importância da abordagem literária persistente pela associação do consumo com fatores de risco para o adoecimento mental é incontestável.

Somado a isso, o modelo de aprendizagem baseada em problema (ABP) foi visto como um fator protetor de transtornos mentais nas análises de Rodas (2009) e Tenório (2016), quando comparado ao tradicional, por causa do protagonismo do estudante na busca ativa pelo conhecimento e da melhor compreensão da teoria na aplicação clínica que facilitam o processo de aprendizado.

Resultados avaliando os mecanismos de adaptação ou não como forma de preservação da saúde mental

Em resposta a esse nível de estresse que carrega o curso da área da saúde, especialmente a medicina, os estudantes utilizam mecanismos de adaptação ou não, apontados

pelos artigos, que os tornam cada vez mais vulneráveis ao desgaste psíquico. Dentre os principais fatores protetores adotados, destacam-se: adaptação à cidade como foi exposto por Andrade (2014) e Moreira (2015) em suas pesquisas. O de Silva (2014), ao verificar aqueles que não estavam adaptados possuíam maior prevalência também chegou a mesma conclusão. Ademais, buscar ajuda psicológica, segundo Santander (2011) e Tenório (2016), além de apoio espiritual e atividades de lazer, apontados no estudo de Serinolli (2015), de Silva (2014) e de Moutinho (2017), podem contribuir para atenuação do desgaste mental.

A vulnerabilidade ao desenvolvimento de mecanismos considerados não adaptativos mostra paradoxalmente os comportamentos de risco à saúde em um grupo cuja responsabilidade é promovê-la. Dentre tais formas, Silva (2014); Tenório (2016); Moreira (2015) e Paula (2014) destacaram: a rejeição das emoções e a visão pessimista da realidade, consumo de bebidas alcoólicas, além da ideação e tentativas de suicídio.

4 CONCLUSÃO

O desgaste psíquico durante a formação médica é resultado dos diversos fatores de risco tanto acadêmicos quanto sociais e individuais os quais os discentes estão expostos. Diante dessa triste realidade, a aquisição de comportamentos não adaptativos como resposta ao estresse sofrido torna eles cada vez mais vulneráveis ao desenvolvimento de desordens mentais e, conseqüentemente, a mais grave consequência: a ideação e tentativa de suicídio. Sabendo disso, o presente estudo buscou esclarecer as diversas variáveis de risco relatados na literatura e, assim, apontar a necessidade de uma assistência multifocal dentro das Instituições de Ensino Superior quando, por qualquer que seja o motivo, o estudante demonstrar sinais de adoecimento psíquico. A valorização da saúde mental nas faculdades, portanto, é a crucial tanto para a identificação quanto para o tratamento precoce, pois a abordagem preventiva é melhor alternativa no quesito da assistência ao ser humano.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, AM et al. Common mental disorders among medical students. **J. bras. Psiquiatr**, v. 56, n. 4, p. 245-251, 2007.
- ALMONDES, Katie Moraes de and ARAUJO, John Fontenele de. Padrão do ciclo sono-vigília e sua relação com a ansiedade em estudantes universitários. **Estud. psicol.** v. 8, n. 1, p. 37-43, 2003.

ALVES, TCTF. Depressão e ansiedade entre estudantes de medicina da área da saúde. **Rev. Med**, São Paulo, v. 93, n. 3, p.101-5, 2014.

ALVI T, ASSAD F, RAMZAN M and KHAN FA. Depression, anxiety and their associated factors among medical students. **J Coll Physicians Surg Pak**. v. 20, n. 2, p. 122-6, 2010.

AMARAL, Geraldo Francisco do et al. Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**. V. 30, n. 2, p. 124-130, 2008.

ANDRADE, João Brainer Clares de et al. Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. **Rev. bras. educ. med**. v. 38, n. 2, p. 231-242, 2014.

ARAGÃO, Júlio; CASIRAGHI, Bruna; MOTA, Erica; ABRAHÃO, Mariana; Almeiada, Tiago; BAYLÃO, Ana; Araújo, Pedro. Saúde mental em estudantes de medicina. **Revist Est Inv Psico y Educ**. v. 14, A14-039, 2017.

BALDASSIN, Sergio et al. **Traços de ansiedade entre estudantes de medicina**. **Arq Med ABC**, v. 31, n. 1, p. 27-31, 2006.

BALDASSIN S, SILVA N, DE TOLEDO FERRAZ ALVES TC, CASTALDELLI-MAIA JM, BHUGRA D, NOGUEIRA-MARTINS MC, DE ANDRADE AG and NOGUEIRA-MARTINS LA. Depression in medical students: cluster symptoms and management. **J Affect Disord**. v. 150, n. 1, p. 110-4, 2013.

BARBOSA, Roberto Ramos et al. Estudo sobre Estilo de Vida e Níveis de Estresse em Estudantes de Medicina. **Int J Cardiivasc Sci**. v. 28, n. 4, p. 313-319, 2015.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T.; GONCALVES, Maria Bernadete. Transtornos emocionais e a formação em Medicina: um estudo longitudinal. **Rev. bras. educ. med**. v. 33, n. 1, p. 10-23. 2009

BRUNCH, TP et al. Presença de sintomas psiquiátricos em estudantes de medicina da Universidade do sul do Brasil. **Arquivos Catarinenses de medicina** v. 38, n. 4, 2009.

CARMONA, CR et al. Ansiedad de los estudiantes de una facultad de medicina mexicana, antes de iniciar el internato. **Iv Ed Med**. v. 6, n. 21, p. 42-46, 2017.

CERCHIARI, Ednéia Albino Nunes; CAETANO, Dorgival and FACCENDA, Odival. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estud. psicol**. 2005; v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005.

COSTA, Edmea Fontes de Oliveira et al. **Common mental disorders in medical students: A repeated cross-sectional study over six years**. **Rev. Assoc. Med. Bras**, v. 63, n. 9, p. 771-778.

COSTA, Edméa Fontes de Oliva et al. Common mental disorders among medical students at Universidade Federal de Sergipe: a cross-sectional study. **Rev. Bras. Psiquiatr**. v. 32, n. 1, p. 11-19, 2010.

CYBULSKI, Cynthia Ajus and MANSANI, Fabiana Postiglione. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Rev. bras. educ. med.** v. 41, n. 1, p. 92-101, 2017.

FACUNDES, Vera Lúcia Dutra and LUDERMIR, Ana Bernarda. Common mental disorders among health care students. **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 27, n. 3, p. 194-200, 2005.

FERREIRA, Carlos Magno Guimarães; KLUTHCOVSKY, Ana Claudia Garabeli Cavalli and CORDEIRO, Tatiana Menezes Garcia. Prevalência de Transtornos Mentais Comuns e Fatores Associados em Estudantes de Medicina: um Estudo Comparativo. **Rev. bras. educ. med.** v. 40, n. 2, p. 268-277, 2016.

FIOROTTI, Karoline Pedroti; ROSSONI, Renzo Roldi; BORGES, Luiz Henrique and MIRANDA, Angélica Espinosa. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **J. bras. psiquiatr.** v. 59, n. 1, p. 17-23, 2010.

FOUILLOUX MORALES, Claudia et al. Síntomas depresivos y rendimiento escolar en estudiantes de Medicina. **Salud Ment.** v. 36, n. 1, p. 59-65, 2013.

GONCALVES, Sofia Senna and SILVANY NETO, Annibal Muniz. Dimensão psicológica da qualidade de vida de estudantes de Medicina. **Rev. bras. educ. med.** v. 37, n. 3, p. 385-395, 2013.

GONZÁLEZ-OLAYA, HL, et al. Asociación entre el estrés, el riesgo de depresión y el rendimiento académico en estudiantes de los primeros semestres de un programa colombiano de medicina. **FEM: Revista de la Fundación Educación Médica**, v. 17, n. 1, p. 47-54, 2014.

JADOON NA, YAQOOB R, RAZA A, SHEHZAD MA, ZESHAN SC. Anxiety and depression among medical students: a cross-sectional study. **J Pak Med Assoc.** v. 60, n. 8, p. 699-702, 2010.

LIMA, Maria Cristina Pereira et al. Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. **Revista de Saúde Pública.** v. 40, n. 6, p. 1035-41, 2006.

MARTINEZ, José Eduardo; PEREIRA, Danilo de Assis; BARRIL, Emelyn dos Santos; MATOS, Samantha Farias de; SANTOS, Roseli Maria dos. Resiliência em estudantes de medicina ao longo do curso de graduação. **Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba.** v. 18, n. 1, p. 15-8, 2016.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz; VASCONCELLOS, Rafael Luiz dos Santos Silva and HEATH, Nancy. Estresse na Formação Médica: como Lidar com Essa Realidade? **Rev. bras. educ. med.** v. 39, n. 4, p. 558-564, 2015.

MOUTINHO, ILD et al. Depression, stress and anxiety in medical students: A cross-sectional comparison between students from different semesters. **Rev. Assoc. Med. Bras.** v. 63, n. 1, p. 21-28, 2017.

- OLIVEIRA, Lucio Garcia de; WAGNER, Gabriela Arantes; MALBERGIER, André; ANDRADE, Arthur Guerra de; et al. Drug consumption medical students in São Paulo, Brazil: influences of gender and academic year. **Rev Bras Psiquiatr** v. 31, n. 3, p. 227-39. 2009.
- PAULA, Juliane dos Anjos de et al. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. **Journal of Human Growth and Development**. v. 24, n. 274-281, 2014.
- PORCU M, FRITZEN VC, HELBER C. Sintomas depressivos nos estudantes de Medicina da Universidade Estadual de Maringá. **Psiquiatria na Prática Médica**. v. 34, n. 1, 2001. Disponível em: http://www2.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/original5_01.htm. Acesso em: 20 jul. 2018.
- QUERIDO, Izabela Almeida et al. Fatores Associados ao Estresse no Internato Médico. **Rev. bras. educ. med.** v. 40, n. 4, p. 565-573, 2016.
- VASCONCELOS, Thateane Couto de et al. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Rev. Bras. de Edu. Med.** v. 39, p. 135-142, 2015.
- ROCHA, Emmanuelle Santana and SASSI, André Petraglia. Transtornos mentais menores entre estudantes de medicina. **Rev. bras. educ. med.** v. 37, n. 2, p. 210-216, 2013.
- SANTANDER T, Jaime et al. Prevalencia de ansiedad y depresión entre los estudiantes de medicina de la Pontificia Universidad Católica de Chile. **Rev. chil. neuro-psiquiatr.** v. 49, n. 1, p. 47-55, 2011.
- SANTOS, Lais Silva do, et al. Qualidade de vida e transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. **Cogitare Enferm.** v. 22, p. 4, 2017.
- SERRA, Rosana Denobile; DINATO, Sandra Lopes Mattos e; CASEIRO, Marcos Montani. Prevalence of depressive and anxiety symptoms in medical students in the city of Santos. **J. bras. psiquiatr.** v. 64, n. 3, p. 213-220, 215.
- SERINOLLI, Mario Ivo et al. Antecedente de ansiedade, síndrome do pânico ou depressão e análise do impacto na qualidade de vida em estudantes de medicina. **Revista de estágio em Sistemas de Saúde-RGSS**, v. 4, n. 2, 2015.
- SILVA, Adriano Gonçalves et al. Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de medicina. **Rev Bras Epidemiol.** v. 17, n. 1, p. 229-242, 2014.
- SILVA, Rodrigo Sinnott; COSTA, Letícia Almeida da. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes universitários. **Encontro: Revista de Psicologia**. v. 15, n. 23, p. 105-112, 2012.
- TABALIPA, Fábio de Oliveira et al. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. **Rev. bras. educ. med.** v. 39, n. 3, p. 388-394, 2015.

TENÓRIO, Leila Pereira et al. Saúde Mental de Estudantes de Escolas Médicas com Diferentes Modelos de Ensino. **Rev. bras. educ. med.** v. 40, n. 4, p. 574-582, 2016.

VAN NGUYEN H, LAOHASIRIWONG W, SAENGSUWAN J, THINKHAMROP B and WRIGHT P. The relationships between the use of self-regulated learning strategies and depression among medical students: an accelerated prospective cohort study. **Psychol Health Med.** v. 20, n. 1, p. 59-70, 2015.